

PARANÓIA

Prêmio para cinematografias falidas

Minha vovó mora em Taubaté e acredita que o cinema brasileiro está mais vivo do que nunca. Já tentei convencer ela do contrário, mas como espectadora ideal de TV, a verdadeira e única menina-dos-olhos do William Bonner. Expus minha argumentação, levei as seções culturais dos jornais aqui de São Paulo, até já citei Paulo Emilio (que ela respeita, por lembrar dele como moço garboso). Mas com um sorriso compreensivo, ela sempre dá um jeito de me lembrar que há três anos consecutivos concorreremos ao Oscar de melhor filme estrangeiro. *O Quatrilho, Que é Isso Companheiro, Central do Brasil* e fim de conversa, vovó liga no Jornal Nacional. "E até o Ewald Filho falou que agora está pra nós...", diz ela, após meu silêncio, no fundo preocupada com meu futuro de cineasta.

Vovó sempre acha que só ela é obrigada a ouvir minhas teorias, e que vou acabar virando um crítico frustrado. Decidi então arriscar e publicar aqui minha última carta para ela, escrita antes da cerimônia, cujo resultado ignoro: "Vó, ganhar ou não aquela estatueta brega não importa, pois a verdadeira função da indicação ao Oscar é outra: fazer você pensar no cinema nacional, esperando que cheguem logo futuras gerações que nem saibam o que é isso. Assim como de ano em ano, você costuma ir ao médio checar aquelas pontadas de dor na coluna e fazer massagem para ela passar, da mesma forma vez ou outra você pensa no cinema nacional. O Oscar vem e o pensamento passa, como uma aspira agindo sobre uma dor de cabeça qualquer. Já não interessa se você não pode mais ir ao cinema ver os filmes do Mazaroppi, que você tanto gostava, muito porque era um cinema que poderia bem ser uma piada de um amigo de bairro. Hoje o cinema brasileiro acabou na TV como freak-show, como aberração curiosa de um teatro de variedades inofensivo, como

uma atração do Ratinho que você diz odiar, mas assiste. O cinema brasileiro dura só as três semanas que antecedem o Oscar, e é como a Páscoa e o Natal, uma festividade de mitos mortos. Mas o Oscar tem um significado e um importância, sim, não amasse a carta ainda.

Quando Orson Welles (aquele que fez *Cidadão Kane*) era tido como gênio publicamente, ao mesmo tempo era obrigado a pedir migalhas para realizar seus filmes nos corredores dos estúdios e, não raro, era humilhado. Durante anos, Welles amargou sua derrota, enquanto se tornava cada vez mais reconhecido no mundo todo. Spielberg esnobou a oportunidade de produzir um filme de Welles quando pôde, nos anos 80, mas publicamente gosta de exibir o trenó de Kene, que comprou em leilão por 50.000 dólares e costuma apresentá-lo como seu mentor. Hollywood sempre soube a diferença entre o espetáculo e os bastidores, ou entre a roupa limpa e a cueca suja, como você gosta de dizer. Quando deram o Oscar honorário a Chaplin, no fundo celebraram os anos de exílio e o fato de terem anulado a fase radical de sua obra. Quando o talentoso diretor russo Nikita Mikhalkov subiu com sua filhinha para receber o Oscar por *Sol Engador*, no começo dos anos 90, Hollywood premiava a queda dos regimes comunistas e o fim da indústria cinematográfica soviética, agora transformada em prateleira da Blockbuster, em rede pornográfica na Internet, exibindo ninferas da Sibéria. Sei que você vai depois me dar um puxão de orelha só de eu te obrigar a pensar nessas coisas.

Lembra de Alberto Sordi e Vitória Gassman? Lembra das comédias do Monicelli? Dávamos gargalhadas juntos quando os filmes italianos chegavam em Taubaté. Eu ria do pastelão e você chorava, pois eu ainda não entendia a tristeza latente na comédia italiana, tristeza que hoje dá lugar ao sentimentalismo barato sem verdade nenhuma. Se você me levava no cine Taubaté só para ver Toto, é porque os italianos peitavam financeiramente o mercado e tinham uma indústria formidável no pós-guerra, com gêneros

como a comédia italiana, o western espagueti, e com o luxo de ter autores como Fellini e os Taviani. Nos 90, tudo foi por água abaixo. A Cinecittá foi privatizada, o grande cinema italiano desmoronou, e Beningi surgiu como um palhaço redentor, adorado nos EUA. Hoje o cinema italiano se reduz a Benigni e a um ou outro cômico de segundo time. Os Oscars que forem dados a *Vida é Bela* serão dados como medalha de rendição, como honorário de boa conduta à uma cinematografia falida. Andam falando que os críticos de cinema italianos torcem para que o Brasil leve a estatueta este ano. Não me estranha.

E ocorre o mesmo com o nosso cinema, vovó, sinto em lhe dizer. Sei que falaram em renascimento do cinema brasileiro, e agora na TV vão falar muito mais com o possível Oscar. Mas é justamente a isso que tudo se resume, vovó. Um intelectual francês já dizia que o mito é uma fala. E eles querem que você fale por aí que o cinema brasileiro existe, assim como querem que você, como boa católica não praticante, acredite que sua Igreja está na berlinda, só porque o Padre Marcelo vende CDs acreditando que está usando a TV, e não o contrário.

Espero que você não fique brava comigo vovó. Sei que você vai chamar suas amigas e torcer por *Central do Brasil* no domingo, assistindo à Globo. Torçam mesmo, e se ganharmos, só peço que não achem que seu neto vai ganhar um emprego no cinema nacional. Ainda vou continuar indo passar o fim-de-semana aí, para economizar nas refeições, até porque eu adoro sua comida.

Promovida pelo que há de pior na imprensa brasileira, a balbúrdia que precede a cerimônia é um fenômeno já típico. Lembra bem as manchetes que encham a boca quando um craque brasileiro é vendido por milhões de dólares ao exterior, ou as que foram simpáticas à compra da Telesp pela Telefonica. É o nacionalismo praticado às avessas, exercido de forma patética e sempre encorajado pela mídia. Há anos, Hollywood dá prêmios Oscar a cinematografias falidas. Em 1999, talvez nem precise se dar o trabalho.

Alfredo Manevy